

Da senzala a escola

Martins Bulhões Marcelo Fernando

“ ÀS VEZES ME CHAMAM DE NEGRO , PENSANDO QUE VÃO ME HUMILHAR, MAS O QUE ELES NÃO O SABEM É QUE ME FAZEM LEMBRAR, QUE EU VENHO DAQUELA RAÇA QUE LUTOU PARA SE LIBERTAR... ” (CÂNTICO DE CAPOEIRA , DOMÍNIO PÚBLICO).



CANTO DE ENTRADA

Fomos hoje fruto de nossa história. Dos processos sinérgicos e dinâmicos oriundos dos movimentos sociais, políticos e econômicos que a perfazem. O respeito acerca do que nos diferencia de outros povos advém do conhecimento das nuances e complexidades da nossa cultura, seja qual for a origem de classe da produção dos elementos culturais, que compõem a nossa identidade e por que não -, orgulho de ser brasileiro.

A capoeira, tema mater deste estudo, configura-se como um elemento vivo e atuante dessa nossa cultura. Um povo que não se (re) conhece não consegue avaliar a sua força e proposição de mudança. Como um elemento cultural vivo e atuante ao longo de nossa cronologia, a capoeira neste trabalho é analisada, buscando-se identificar o grau da atuação dos professores em espaços da prática de seu ensino na cidade de João Pessoa, Paraíba, durante o ano de 1997, sendo este estudo parte de uma pesquisa mais abrangente e extensiva que vai ser editada no formato de livro em breve.

Esta pesquisa é pautada por categorias de análise acerca da atualidade da prática do ensino dos professores de capoeira e da sua inserção no atual contexto social. Todo este processo foi norteado por uma perspectiva de investigação qualitativa, auxiliado por uma perspectiva participante, haja vista ser o pesquisador também um capoeirista praticante. Logo, as conclusões das análises efetivadas foram perpassadas por diferentes caminhos teórico metodológicos no processo de construção do conhecimento.

TEM DENDÊ

Como elemento constitutivo de nossa cultura corporal, de origem negra e pobre, a discriminação social acerca da capoeira é fato histórico. Os estereótipos físicos, morais e intelectuais associados aos seus praticantes, têm uma justificativa fundada na história da formação de nosso povo, um Brasil escravagista, latifundiário e perverso na sua distribuição de renda.



A dicotomia entre a cultura popular e a cultura erudita acadêmica perdura em nossa sociedade. As manifestações culturais populares e/ou folclóricas são, a grosso modo, relegadas a datas episódicas e a uma participação escassa e estratificada da maioria da população brasileira. A esse tipo de descrédito e discriminação a Capoeira também foi relegada. Portanto, considerar o praticante de capoeira – o capoeirista –, um sujeito “vadio”, “ignorante”, “iletrado”, mas dotado de um “dom”, um “talento” e compleição física “forte”, são valorações socioculturais estereotipadas decorrentes de sua própria história e origem de classe.

A descrição da ocorrência do fenômeno corporal - capoeira no seu ensino, pode subsidiar posteriores estudos e políticas de atuação nesta modalidade, fornecendo dados que facilitem o pleito dos organismos instituídos na capoeira - grupos e associações -, junto aos órgãos educacionais e culturais do poder público. A constatação de seu volume de atuação pode - se tornar um instrumento de pressão política para tais fins.

Contemporaneamente, a produção de pesquisa² acerca do tema tem crescido e se alastrado por vários campos do conhecimento. A despeito dessa atual produção acadêmica, a Capoeira ainda demanda as mais diversas abordagens, quer sejam elas de ordem histórico-social, psicológica, etnográfica, entre outras, pois são muitas as questões acerca de sua prática que não foram investigadas e tampouco correspondidas.

As dificuldades de sua observação são freqüentes nas associações e grupos que a compõem no Brasil. O controle de seu desenvolvimento demográfico, a pesquisa de sua metodologia e o perfil socioeconômico de seus integrantes são categorias que ainda não foram investigadas a fundo. Trabalhos desta natureza são escassos e assistemáticos na sua abordagem científica. A rivalidade e as restrições pessoais dentro do universo da Capoeira impedem uma real, eficiente e pragmática unidade em torno de sua defesa e investigação. Muitas vezes essas diferenças ideológicas, levadas às últimas instâncias da violência, tornam impossível o diálogo e o relacionamento entre seus difusores maiores - os grupos e associações de capoeira de todo o Brasil.

OS CAMINHOS DA CAPOEIRA

Entendimento de que a identificação do “Corpus” da prática da capoeira e suas relações com a prática de seu ensino, constitui elementos básicos para futuras proposições, tanto pedagógicas, quanto de cunho político-educacional, para o seu desenvolvimento, levando a opção por uma metodologia baseada nas proposições da pesquisa qualitativa³ e tendo, como abordagem geral, aproximações a uma compreensão dialética⁴ e enquanto abordagem específica, aspectos que se aproximam da pesquisa etnográfica. A adoção destes procedimentos de orientação metodológica, favoreceu a observação, registro e análise dos dados coletados e suas proposições abordadas no item conclusivo deste estudo.

A abordagem geral deste trabalho baseia-se em aproximações a uma compreensão dialética, que se apóia nas concepções dinâmicas da realidade e nas relações



dialéticas entre sujeito e objeto e entre o conhecimento e a ação realizada. Neste sentido, vale ressaltar que

“... a atitude dialética pode realizar a síntese, compreendendo o passado como etapa e caminho necessário e válido para a ação comum dos homens numa mesma classe no presente, a fim de realizar uma comunidade autêntica e universal no futuro.” (GOLDMAN, 1988, p.22).

O paradigma que fundamenta esse percurso é o interpretativo, pois, além da busca de superação da dicotomia quantitativa/qualitativa, na qual a etnografia se propõe, também possui como perspectiva a busca da descrição sociocultural e econômica dos participantes do ensino da capoeira, bem como suas relações com a prática de ensino, adequando-se então aos parâmetros dessa tipologia.

Os relacionamentos encontrados entre os dados relativos à categoria “ Forma de atuar ” buscam descrever a realidade e dar respostas a questionamentos quanto à necessidade de uma melhor estruturação e organização, ao meio capoeirístico e ao desenvolvimento de sua valorização profissional. A aproximação aos aspectos da etnografia remete a questões relativas a esta abordagem metodológica, haja vista que o processo de construção da localização geográfica desta pesquisa foi orientada por um dos principais aspectos da transmissão de conhecimento na Capoeira: a oralidade. A figura do mestre ou daquele que dirige as ações de um determinado grupo foi fundamental neste processo de apreensão dos dados da realidade.

De um total estimado de 29 (vinte e nove) professores na cidade, em 1997, foram entrevistados 24 (vinte e quatro) sujeitos⁵, entre mestres, contramestres, professores, instrutores e graduados em atuação no ensino de Capoeira. Como já de antemão optamos por não trabalhar com hipóteses fechadas⁶, foram elencadas questões gerais para a formulação das categorias de análise que se fundamentaram nas teorias estudadas, a partir da interação sujeito-objeto.

QUADRO I - VIVÊNCIA NO ENSINO		
	O CORRÊNCIAS	PERCENTUAL
	8	33,3 %
	5	20,8 %
	5	20,8 %
	2	8,3 %
	1	4,1 %
	1	4,1 %
	1	4,1 %
	24	100 %

FONTE: Questionário - **PERÍODO:** Novembro/Dezembro de 1997

1-Quem é o professor de capoeira atuante na Cidade de João Pessoa?

2- Qual a condição socioeconômica deste professor?

3- Como se constitui o perfil profissional do professor?

FORMA DE ATUAR

referida categoria buscou identificar causas, efeitos e relações da formação do professor de capoeira com a sua viabilidade prática no ensino da modalidade. Consideraram-se

os seguintes indicadores:

3 tempo de ensino;

3 escolarização formal;

3 autorização formal;

3 formas de remuneração;

3 fontes de renda.

análise do quadro “Vivência no Ensino” permite algumas inferências importantes acerca da capoeira. Significativa parcela dos sujeitos (33%) havia começado a lecionar a partir do ano de 1997. Os 8 sujeitos relativos a esse percentual correspondem, na mesma medida, a um aumento

significativo nos números de locais de ensino e, conseqüentemente, de alunos. Esse pode ser considerado como um indicador do crescimento do número de locais de ensino na Cidade. Também significativa foi a constatação de que a maioria dos sujeitos (75%) tem no mínimo 7 anos de prática de ensino. Esses dados indicam que o ensino da capoeira teve seu “boom” a partir do ano de 1990, apesar de seu início na cidade ter-se dado já no início dos anos setenta. Um fator que pode ter acelerado o crescimento do número de professores foi a verificação de que muitos sujeitos estavam lecionando, apesar de não possuírem a graduação hierárquica adequada e necessária ao seu ensino⁸. Nestes casos, foi observado que a autorização foi concedida via seu maior superior hierárquico, no caso os contramestres dos grupos locais. É necessário comentar que essa autorização em geral é concedida mediante uma supervisão esporádica de quem a concedeu, realizada através de visitas às aulas de seu discípulo.

QUADRO II - FORMAS DE REMUNERAÇÃO

REMUNERAÇÃO	OCCORRÊNCIA	VALOR MÍNIMO (R\$)	VALOR MÁXIMO (R\$)	MÉDIA DOS VALORES (R\$)	OCCORRÊNCIA DE CT
Por aluno	31	10,00	30,00	17,31	1
Por hora/aula	03	3,84	8,90	5,91	03
Salário fixo	01	1	120,00	120,00	01
Trabalho voluntário	05	1	1	1	1
Locais de trabalho	40				

FONTE: Questionário - PERÍODO: Novembro/Dezembro de 1997 - Salário Mínimo: R\$ 120,00 - CT: Carteira do Trabalho.

Com base neste quadro, pode-se observar que do total dos locais de trabalho (40) a forma de remuneração predominante foi por aluno (31), com cerca de (77%) das ocorrências verificadas. Esse aspecto liberal de contrato de trabalho é marcado pela não ocorrência de registro, o que pode se caracterizar por uma situação de instabilidade e insegurança dos professores quanto às questões trabalhistas e direitos sociais pertinentes. Outro aspecto interessante é a diferença de valores máximos e mínimos entre as formas “hora/aula” e por “aluno”. Ocorreram variações de valores entre o dobro e/ou o triplo percebidas pelo mesmo trabalho, caracterizando uma não homogeneidade nas remunerações provavelmente motivada pela desorganização e falta de consciência de classe que permeiam os grupos atuantes na capital que em geral possuem um histórico de conflitos entre si.

FONTE: Questionário - PERÍODO: Novembro/Dezembro de 1997

QUADRO III - INSTRUÇÃO ESCOLAR FORMAL X FORMAÇÃO NA CAPOEIRA

FORMAL	MESTRE	CONTRA-MESTRE	PROFESSOR	INSTRUTOR	GRADUADO	SEM GRAD.	TOTAL	PERCENTUAL	
PÓS GRADUADO	1	1	1	1	1	1	1	4,1%	
SUPERIOR COMPLETO	1	1	1	1	1	1	2	8,3%	20,8%
SUPERIOR INCOMPLETO	1	1	1	1	3	1	3	12,5%	
2º GRAU COMPLETO	1	1	3	2	2	1	8	33%	53,8%
2º GRAU INCOMPLETO	1	1	1	3	2	1	5	20,8%	
1º GRAU COMPLETO	1	1	2	1	1	1	3	12,5%	20,8%
1º GRAU INCOMPLETO	1	1	1	1	1	1	2	8,3%	
TOTAL	1	3	5	6	8	1	24	100 %	
PERCENTUAL	4,1 %	12,5 %	20,8 %	25 %	33 %	4,1 %		100 %	

Os sujeitos com formação acadêmica em Educação Física foram os únicos com a carteira de trabalho assinada, fato esse mais comum ao profissional formado na área, que ao lei- go, sinalizando uma maior valorização deste profissional e de sua prática. Este fato pode indicar que um dos caminhos da profissionalização e/ou valorização efetiva do ensino da capoeira perpassa a sua apropriação pelo meio acadêmico/forma-los cursos superiores de Educação Física -, independentemente de uma maior veiculação deste conteúdo de nossa cultura corporal na mídia ou outros fato- res relacionados a modismos e tendências de comportamento esporádicas. Essas relações advindas do quadro acima são bastante esclarecedoras acerca da dicotomia existente entre a instrução escolar formal e a formação na capoeira. Verifica-se que o grau de instrução escolar formal não corres- ponde ao grau de formação específica do professor de capoeira, sendo inversamente proporcional na atualidade, ou seja, quanto mais graduado em capoeira, menor a escolaridade

formal encontrada. Essa dicotomia apenas corro- bora a ruptura histórica entre as manifestações culturais de origem popular e a cultura erudita/acadêmica, movida por questões de conflito de classe. Em relação à formação específica em capoeira⁹, verifica-se uma grande ocorrência de sujeitos apenas “graduados” (33%), ainda não aptos a conduzirem turmas sem supervisão de seus mestres e/ou responsáveis. Por outro lado, a soma das ocorrências de sujeitos já aptos para lecionar (a partir da graduação de instrutor) corresponde à maioria (62%). A realidade, então, não corro- bora com as regras das hierarquias estabelecidas por suas próprias organizações - os grupos e associações -, na capoeira. As autorizações de ensino fornecidas pelos mais graduados, os contramestres e mestres, atendem muito mais ao desejo de expansão dos grupos do que ao cumprimento do estabelecido em seus estatutos formais ou não, quanto ao tempo e graduação necessários para lecionar. Com relação ao ensino formal, os dados apresentam uma predominância de sujeitos com o segundo grau completo e incompleto (53, 8%), e empata- dos os indivíduos com apenas o primeiro grau e aqueles com nível superior de ensino (20,8%). Apenas um sujeito possui pós-graduação (especialização *latu-sensu*).

A presença de professores de Educação Física ocorreu da seguinte forma: na pós-graduação (1), no superior completo (1) e no superior incompleto (1), correspondendo no total à menor quantidade de sujeitos observados (12,5%). Esse fato é relevante quanto à apropriação do saber historicamente produzido pelo universo da capoeira, pela “academia formal”, tendo em vista a rica complexidade deste fenômeno, e por que não afirmar, uma perda de mercado de trabalho significativa do professor de Educação Física, em face da demanda social por seu ensino em escolas e academias.

A convivência entre o saber acadêmico - em especial a Educação Física -, e o saber em capoeira já se faz presente¹⁰, em pelo menos 7 universidades brasileiras, cujos cursos de Licenciatura em Educação Física já possuem em seus currículos disciplina específica e relativa ao tema. Em João Pessoa, a Universidade Federal da Paraíba - UFPB - e a Universidade Paraibana de Educação - UNIPÊ - mantêm ambas projetos de extensão nesta área e, especificamente, na UFPB, a disciplina capoeira já faz parte da Disciplina Prática Desportiva com 30h/aula, teóricas e práti- cas, estando em estudos curriculares para a sua inclusão na grade curricular do curso de Educação Física. Desta forma, o preconceito social advindo de um ‘senso comum’ de que o capoeirista é um completo iletrado e ignorante não possui correspondência e respaldo junto aos dados coletados, onde todos os sujeitos observados lecionando capoeira apresentam algum grau de escolaridade, em maior ou menor grau.

Historicamente, “vadiar” designava a prática da capoeira e a “vadiação” era o seu sinônimo. Esses termos peculiares e pejorativos eram as- sociados aos capoeiristas considera- dos pela sociedade como desocupa- dos, desordeiros e vadios, cuja prática corporal era associada a aspectos marginais.

Atualmente, com base nos da dos coletados, pode-se observar que a capoeira já se inscreve na categoria de “forma de trabalho remunera- do e sistematizado”. Os valores dos salários percebidos através da capo- eira são equivalentes aos de algumas categorias de trabalho,

ressaltando que a média salarial de remuneração dos professores de capoeira é superior ao salário mínimo e ao salário comercial da Cidade de João Pessoa, superando inclusive aqueles professores que só trabalham com outras atividades.

Q U A D R O I I - I N S T R U Ç Ã O E S C O L A R F O R M A L X F O R M A Ç Ã O N A C A P O E I R A

FORMAL	MESTRE	CO N T R A- M E S T R E	PROFESSOR	INSTRUTOR	GRADUADO	SEM GRAD.	TOTAL	PERCENTUAL	
PÓS GRADUADO						1	1	4,1%	
SUPERIOR COMPLETO				1	1		2	8,3%	20,8%
SUPERIOR INCOMPLETO					3		3	12,5%	
2º GRAU COMPLETO		1	3	2	2		8	33%	53,8%
2º GRAU INCOMPLETO				3	2		5	20,8%	
1º GRAU COMPLETO		1	2				3	12,5%	20,8%
1º GRAU INCOMPLETO	1	1					2	8,3%	
TOTAL	1	3	5	6	8	1	24	100 %	
PERCENTUAL	4,1 %	12,5 %	20,8 %	25 %	33 %	4,1 %		100 %	

FONTE: Questionário - PERÍODO: Novembro/Dezembro de 1997 - Salário Mínimo: R\$ 120,00

Essas informações se contra- põem ao senso comum de que “ca- poeira não dá dinheiro” e “não tem futuro” . Ledo engano. Cerca de (37,5%) dos entrevistados (9), vivem somente dos proventos do ensino da capoeira e são “arrimos de família”, tendo estes rendas em patamares mínimos e máximos superiores em comparação com aqueles que lecionam a capoeira como “hobby” e/ou como uma segunda fonte de renda.

VO L T A A O M U N D O

As investigações e apreensões do real auxiliaram na identificação e na caracterização aproximada da prática do ensino da capoeira na Cidade de João Pessoa. Esses subsídios ora apresentados procuraram esclarecer algumas questões sobre as estruturas socioeconômicas de seu ensino e o grau de qualificação dos recursos humanos envolvidos em sua prática docente. A observação, registro e análise desses dados podem fornecer ele- mentos de apoio para início de no- vos questionamentos e estudos acadêmicos, a posteriori.

Somente a partir de uma efetiva compreensão da inserção da capoeira como prática corporal atuante e sistematizada, na sociedade, é possível estabelecer parâmetros e políticas de desenvolvimento e aprimoramento técnico-profissional de seus elementos difusores. Efetivos e duradouros relacionamentos entre o saber da capoeira e as pesquisas acadêmicas podem subsidiar, no futuro, desenvolvimentos de metodologias e aprofundamentos em questões epistemológicas que façam jus ao rico, belo, e historicamente contextualizado universo, um signo corporal construído na busca de uma liberdade usurpada, que recria hoje no seu gestual a síntese histórica de um ser insubmisso: o capoeira.

